

“MORRER DE AMOR - EIS AÍ MINHA ESPERANÇA”: NOTAS POÉTICAS EM SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS

"TO DIE OF LOVE" - HERE IS MY HOPE: POETIC NOTES FROM SAINT THERESE OF LISIEUX

Daiane de Cássia Martins Fazan¹

RESUMO

Marie Thérèse Martin ou Santa Teresinha do Menino Jesus é um dos mais importantes nomes do Catolicismo no século XXI, em se tratando de modelos de santidade e abnegação cristã. A santa que viveu entre 1873 e 1897 imprimiu um importante legado para a história da Igreja Católica por meio de sua caminhada de fé e sua doutrina. Sua teologia simbólica, mais conhecida como teologia da caridade, foi propagada, desde o século XVIII, em inúmeros escritos. Neste trabalho, analisaremos os poemas que conseguiram exprimir a pequena via sugerida pela santa, a qual consiste em praticar pequenas ações cotidianas para chegar à santidade almejada.

Palavras-chave: Literatura Religiosa; Poesia; Teologia da caridade; Santa Teresinha do Menino Jesus

ABSTRACT

Marie Thérèse Martin or Saint Therese of the Child Jesus is one of the most important names in Catholicism in this century, when it comes to models of holiness and Christian selflessness. The saint who lived between 1873 and 1897 left an important legacy for the history of the Catholic Church through her journey of faith and her doctrine. His symbolic theology, better known as the theology of charity, was propagated in numerous writings. In this work, we will analyze the poems that managed to express the small path suggested by the saint - which consists of carrying out small daily actions to reach the desired holiness.

Keywords: Religious Literature; Poetry; Theology of charity; Saint Therese of the Child Jesus

Introdução

Rezar é um exercício catártico. Rezar, como a sua própria origem diz, é recitar, conclamar, clamar em voz alta. Na tradição católica dos diferentes séculos, tivemos muitos santos que escreveram sobre suas experiências transcendentais, sobre a intimidade com Deus. Cantaram, recitaram, compuseram poemas, canções e escreveram

¹ Doutorada em Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/ Unesp), mestre em Letras, E-mail: daiane.fazan@unesp.br

tratados sobre a espiritualidade cristã, dignos de análises ainda no século XXI. E, por meio desses diferentes gêneros textuais, rezaram a seu modo e derramaram sua fé pela Igreja com suas penas e seus lápis, diante de seu leito de morte, nos seus últimos suspiros ou em um momento de profunda conversão, como no caso de Santo Agostinho.

Temos, assim, na Igreja Católica, santos poetas, santos escritores e santos doutores. Entre tantos intelectuais, figuram grandes mulheres, que se serviram do claustro e do silêncio para refinar a literatura e exercitar a intelectualidade, já que havia uma pré-erudição em todas elas, como em Santa Teresa de Jesus², por exemplo, a qual escreveu grandes e conhecidas obras católicas: *Castelo Interior* e *Caminho de Perfeição*. Teresa de Jesus foi uma freira carmelita, assim como São João da Cruz, um exímio poeta e frei, cujos versos ecoam humildade e clarificam o caminho com seu misticismo ímpar aliado ao seu amor pelas belas letras: “Ao entardecer desta vida, serás examinado no amor.” O amor que João da Cruz canta é o amor divino, o amor do Pai, o amor abnegado que se despe de suas próprias vontades para encontrar-se verdadeiramente com o outro, com os irmãos.

Extasiada pelo amor de Deus e seguindo esses modelos da própria instituição da qual fazia parte, o Carmelo, encontramos Santa Teresinha do Menino Jesus, Marie-Françoise Thérèse Martin, nascida em Alençon, na França, cuja vida e caminhada de fé são exemplos aos católicos do século XXI. Teresinha, como é carinhosamente chamada, por ter tido uma curta vida (24 anos) e ter entrado jovem à vida religiosa, deixou um legado literário valioso para a História do Catolicismo, como inúmeras cartas, manuscritos, uma biografia e vários poemas, isto é, muitas letras e palavras declarando seu amor por Cristo e pelos mistérios da fé.

Observamos que, em questão de estilo, Teresinha se assemelha aos seus predecessores — Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, respectivamente, pois há, em seus trabalhos literários, a presença de muitas metáforas, metonímias e figuras de linguagem relacionadas à natureza e à vida terrestre em geral, que, segundo o crítico literário Northrop Frye (2021), é característico dos textos bíblicos e de teor cristão, pois há, neles, a clara intenção de exprimir uma realidade que transcende e que, muitas vezes, extasia:

² Teresa d'Ávila, mais conhecida como Santa Teresa de Jesus, predecessora de Santa Teresinha de Jesus, foi uma freira e mística carmelita. Além disso, Teresa de Jesus foi uma das reformadoras da Ordem Carmelita, juntamente com São João da Cruz.

Os pensamentos indicam a existência de uma ordem transcendente “acima”, com a qual somente o ato de pensar é capaz de comunicar se, e que pode ser expressa por palavras. Assim, a linguagem metonímica é, ou tende a tornar-se, linguagem analógica, uma imitação verbal de uma realidade além de si mesma, que pode ser transmitida mais diretamente por meio das palavras. (FRYE, 2021, p. 36)

Percebemos, portanto, nas análises dos poemas de Teresinha e nas considerações que se seguirão, uma espécie de iluminação criada pela escolha dos vocábulos, os quais sempre remetem ao sol, ao brilho da vida que há de vir, às promessas de um cessar de sofrimentos, que muitas vezes lhe são impostos pelas intempéries existenciais ou por uma via de expiação de pecados para seguir os passos de Cristo.

Santa Teresinha do Menino Jesus: a simplicidade e a erudição entrelaçada nas letras

Marie-Françoise-Thérèse Martin (1873-1897) foi uma menina advinda de um berço cristão, filha de um relojoeiro, Louis Martin, e de uma exímia rendeira, Zélia Guerin e caçula de 5 irmãs. Teresinha do Menino Jesus teve uma infância regada a inúmeros cuidados, especialmente pelo fato de sua família ser considerada abastada para a época.

Além disso, a jovem teve uma educação bastante religiosa e tradicional — fato que é considerado vital para a sua caminhada cristã e suas vontades voltadas, sobretudo, para as coisas do Alto, para a vida contemplativa. A rotina da família Martin se desenrolava entre os afazeres domésticos, o cuidado com as filhas e os compromissos religiosos assiduamente cumpridos por todos os membros da casa: “[...] Em grande parte, devemos a surpreendente santidade de Teresa à santidade de seus pais. Seu lar familiar foi verdadeiramente para ela uma escola de santidade.” (PHILIPON, 1958, p. 20)

Influenciada por esse cenário familiar e pelo amor a Cristo, aos 15 anos, Teresinha se sente chamada ao Carmelo e a entregar-se a Jesus, assim como todas as suas irmãs - que se tornaram freiras carmelitas uma a uma, a seu tempo, após a morte da matriarca, que fora acometida por um câncer. As inúmeras provações da vida fizeram com que as jovens francesas se aproximassem ainda mais dos caminhos da Igreja e dos mistérios cristãos: “‘Teresinha’ hauriu, no exemplo e lembrança de sua mãe, algumas das disposições fundamentais de sua alma de criança: uma confiança absoluta na

Providência, o desapego de tudo o quanto não é eterno.” (PHILIPON, 1958, p. 21)

Teresinha, de acordo com uma de suas mais famosas autobiografias, *História de uma alma* (1898), consegue permissão para sua entrada no Carmelo aos 15 anos: “Assim que entra para o Carmelo, começam já a delinear-se os traços essenciais da alma de Teresa: uma humildade profunda que a conserva na consciência de sua pequenez e de seu nada, um desejo ardente da Eucaristia, uma ternura toda filial.” (PHILIPON, 1958, p. 21)

Dessa forma, a infância e a pequenez são duas constantes ao se tratar do caminho “Teresiano” — seus gestos, as metáforas que acompanharão seu trabalho literário e as suas memórias até o findar de sua vida terrena:

A infância é primordial em *Santa Teresinha do Menino Jesus*. [...] as narrativas infantis nos proporcionam o fundo de sua psicologia: “uma vontade indomável”, “uma sensibilidade extrema”, quase doentia, uma inacreditável ternura de coração, “uma franqueza extraordinária”, um ser inflexível, resolvido a se lançar, sem reserva, no próprio destino.” (PHILIPON, 1958, p. 22)

A infância em Santa Teresinha não se deve apenas ao fato de escrever com simplicidade e pelos seus gestos francos, mas, sobretudo, por entender-se pequena e dependente de Deus, colocando-se como serva, ou seja, os ideais que parecem infantis formam sua teologia simbólica:

Santa Teresa do Menino Jesus, em sua riquíssima teologia simbólica, ainda procura explicitar pequeno caminho de amor por meio de imagens relacionadas à infância. Devido a isso, embora a expressão infância espiritual nunca tenha saído da pena da carmelita francesa como designação da sua doutrina, [...] sinônimo da pequena via. (TOMAZ, 2020, p. 63)

A pequena via pela qual Santa Teresinha é amplamente conhecida constitui-se de pequenos gestos de mortificação para chegar a Deus, cuja essência pode ser expressada em uma de suas declarações às irmãs carmelitas, a 17 de julho de 1987:

“Sinto que minha missão vai começar, minha missão de fazer amar a Deus como eu o amo”. — Qual o caminho que deseja ensinar às almas?” — “Minha Madre, é o caminho da infância espiritual, é o caminho da confiança e do total abandono. Quero ensinar-lhes os pequenos meios que me foram muito bons, dizer-lhes que só há uma coisa a fazer: atirar a Jesus as flores dos pequenos sacrifícios, prendê-lo pelas carícias, foi assim que eu fiz e é por isso que eu serei tão bem recebida”. (EUGÊNIO, 2020, p. 92)

O caminho proposto pela Santa e escritora encerra uma proposta evangélica acessível, pois coloca os ideais de santidade próximos a qualquer leigo e, por este

motivo, ela é considerada a santa da contemporaneidade, porque está longe de propagar os martírios dos santos da idade média, mas antes, nos apresenta o amor de Cristo em pequenos atos cotidianos:

[...] Dando-nos a certeza de que este Amor só espera de nossa parte, para satisfazer seus desejos de efusão e para nos consumir; uma disposição de confiança e de abandono, ela nos apresenta o domínio divino e a transformação de amor como realidades, não mais longínquas, mas acessíveis a todos, melhor ainda, como uma resposta exigida pelo amor como Deus nos envolve, e portanto como um dever para todo o cristão que quer viver em plenitude sua vida cristã... [...] Teresa nos mostra que a mais alta vida espiritual é realizável em qualquer meio, em qualquer situação, sob o véu que a própria simplicidade tece para dissimular suas riquezas. (EUGÊNIO, 2020, p. 127)

Para tanto, Santa Teresinha, como dito anteriormente, deixou a expressão de sua pequena via em palavras, em poemas dedicados a Jesus, declarando seu amor mais sublime pelos Céus, pelas almas e pelo sofrimento que sentia em seu próprio corpo, que a fazia unir-se verdadeiramente a Deus: “Oh! A Pátria... A Pátria... Como tenho sede do Céu, lá onde amaremos Jesus sem reservas! Mas é necessário sofrer e chorar para chegar aí... Pois bem! Quero sofrer tudo aquilo que a Jesus aprouver, deixá-lo fazer de sua bolinha tudo o que ele quiser.” (MARTIN, 2020, p. 297)

“Viver de Amor” e “Minha Alegria”

As veredas literárias de Santa Teresinha foram delineadas por grandes santos, especialmente por São João da Cruz, pelo qual a escritora nutria profunda admiração e cujos versos a acompanharam dentro e fora do Carmelo:

A Irmã Teresa do Menino Jesus não deveria tardar a encontrar no Carmelo o grande mestre de espiritualidade que teria influência decisiva em sua vida interior: S. João da Cruz. Não foi o Doutor da *Noite escura* e da *Subida do Carmelo* que fascinou a alma de Teresa, mas o Doutor do amor, do incomparável místico que cantou sua experiência da união divina da *Viva Chama* e no *Cântico espiritual*. “Ah! que luzes não hauri nas obras de S. João da Cruz! Aos dezessete e dezoito anos, não tinha outro alimento.” (PHILIPON, 1958, p. 33)

Segundo Philipon (1958), as poesias de São João da Cruz foram muito importantes para a formação espiritual de Teresinha, no entanto, a fundadora do Carmelo, Santa Teresa de Jesus, inspiração para o seu próprio nome, teve uma parcela de contribuição em seus passos:

Os escritos de sua santa Madre, Teresa d’Ávila, não a empolgaram do

mesmo modo que os do grande Doutor místico, mas auxiliaram-na a unir, em sua vida profunda de carmelita, o ideal apostólico da grande reformadora e o pensamento espiritual de S. João da Cruz. Mais tarde, ela saberá exprimir as mais elevadas realidades místicas com palavras de uma simplicidade evangélica, e transmitir assim, em sua mensagem doutrinal, a essência da espiritualidade do Carmelo, colocando-a ao alcance de todos. (PHILIPON, 1958, p. 35)

Assim, com tão generosas contribuições e imbuída das inspirações citadas, Teresinha pôs-se a escrever as maravilhas de Deus. Um dos seus primeiros poemas foi “Viver de Amor”, no entanto, a escritora, em seu processo de criação, passou por algumas dificuldades: “O tempo foi o principal empecilho a superar. A vida regrada, pautada pelo horário das observâncias monásticas, preenchia-lhe o tempo com diferentes atividades. Por isso, **poetar - que, para ela, era também rezar** - podia ser feito a qualquer hora, mas escrever as poesias era outra questão...” (PAULUS, 2020, p. 504, grifos nossos)

O poema “Viver de Amor” foi escrito em 26 de fevereiro de 1895 e, segundo Irmã Genoveva (amiga pessoal de Teresinha), haveria de ser uma das obras-primas da santa, pois sua composição é delineada por uma atmosfera de profunda oração e contemplação.

Ao longo dos versos brancos do poema - não há presença excessiva de rimas, no entanto, existe um ritmo incandescente e musicado entre os versos, é possível vislumbrar com clareza a máxima de Teresinha, que pode ser encontrada em Gálatas (3:20): “Já não sou eu quem vivo, é Jesus que vive em mim”.

Na primeira estrofe, o eu-lírico descreve o “Amor” — mais do que um substantivo abstrato, há a impressão de uma personalidade nesse vocábulo, pois, às vezes, o Amor é Cristo, e tantas outras, o Amor é a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. O Amor fala diretamente com o eu-lírico, no entanto, sabemos que, de acordo com as Escrituras, Jesus falava em parábolas, repleta de metáforas e outras figuras de linguagem, no entanto, dessa vez, as palavras são diretas, não há duplas interpretações, pois o eu-lírico declara abertamente para quem devota seu amor abnegado: *Si quelqu'un veut m'aimer Toute sa vie, qu'il garde ma Parole*/ “Se alguém quiser me amar, guarde minha Palavra.”

A Palavra da qual o eu-lírico fala é o *Evangelho*, os ensinamentos do Cristo, a caridade e perfeita abnegação que são pregadas por Ele. O eu-lírico, para tanto, ouve essa palavra que lhe rasga o peito “na tarde do amor”, a qual pode ser entendida como

um ponto culminante de sua maturidade espiritual, pois a tarde representa o meio do dia, à espera da noite - não é, portanto, o fim, mas a perfeita espera dele. No Evangelho, a maior representação do cair da tarde se dá na crucificação de Cristo, o qual entrega seu espírito ao Pai na hora nona - às 15h, especificamente. Essa passagem marca também o cume da Paixão, o cumprimento da promessa, a maturação da Palavra de Deus:

E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde. Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Marcos 15, 33-38)

No sexto verso, da primeira estrofe, há a menção de uma visita do Amor: “A ele vindo, sempre o amaremos”, o eu-lírico já inclui a primeira pessoa do plural, uma vez que não compartilha do Amor a sós, mas menciona “meu pai” - aquele que parece ser o primeiro a lhe apresentar a Cristo. Na segunda estrofe, é possível observar no que consiste “viver de amor”: “Viver de amor é te custodiar”, o eu-lírico, fazendo uso de outro verbo, continua a guardar a palavra, a guardar a Cristo. A imagem que se encerra é de alguém que carrega e zela pelo Amor e pode ser confirmada por meio do terceiro verso, na terceira estrofe: “por mim, tu vives escondido em uma hóstia”. A hóstia se configura em uma rodela muito fina de pão ázimo, que após a consagração de um Sacerdote, se torna o Corpo do Cristo - ali, Deus, que é Onipotente e Eterno, se torna pequeno e palpável. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “a presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e dura enquanto as espécies eucarísticas subsistirem” (CIC, 2000, p. 380) e o Catecismo ainda acrescenta nas linhas seguintes:

[...] pela consagração do pão e do vinho, opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue. A esta mudança, a Igreja Católica denominou, com acerto e exatidão, “transubstanciação”. (CIC, 2000, p. 380)

Ao longo do poema, observamos que o Amor consome o eu-lírico e isso se confirma pela presença de substantivos como “fogo”, “fornalha” e “ardor”. A devoção lhe é tão transcendente e sublime, que se sente verdadeiramente consumida: “O Espírito de Amor me abrasa no seu fogo”, o que pode remeter ao início da primeira estrofe, à locução adverbial de lugar: “Na tarde do Amor”, uma vez que a tarde também é o momento do sol a pino, do auge do calor que queima, que consome a pele.

Além disso, entre os versos, há a presença de antíteses, criadas por verbos e substantivos antônimos, como viver/morrer, alegria/sofrimento, doce/martírio. O

eu-lírico demonstra que morrer para a vida terrena é viver verdadeiramente, pois é ir ao encontro do Pai, é partir para estar ao lado do Amado: “Não morro, entro na vida.” (Santa Teresinha do Menino Jesus). O eu-lírico encontra alegria no sofrimento, expia as dores de Cristo no Calvário: “Viver de Amor não é sobre esta terra/ Fixar sua tenda no alto do Tabor/ É, com Jesus, subir o Calvário!” Há, nesses versos, a firme ideia de que não é na alegria terrena ou no vislumbre da transfiguração de Cristo, ocorrida no Monte Tabor³, que o Amor é verdadeiramente provado, pelo contrário, é na partilha das dores de Jesus, na hora de sua morte e do martírio que é possível partilhar desse Amor que dilata e aquece o coração do amante.

Há, ainda, a presença de muitos símbolos nos versos que se seguem, principalmente da cruz: “é olhar a cruz como um tesouro.” Isto é, a morte não é o prenúncio do fim para o cristão, mas, na história da Salvação, é sinal incontestável de vitória. A cruz de Cristo é metonímica, já que encerra o grande amor de Deus pelos seus filhos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (JOÃO 3:16)

A teologia da caridade e simbólica de Santa Teresinha se perfaz em todo o poema, mas, mais detidamente na quinta estrofe, na qual o eu-lírico faz uma ode à doação, ao amor que se dá sem medidas e sem esperar nada em troca: “Viver de Amor é dar-se sem medidas, Sem reclamar salário sobre esta terra. Ah! Sem contar, eu dou bem convencida/ Que quando se ama, não se calcula!”. Nessas linhas, é possível vislumbrar as definições de Philippon (1974):

A espiritualidade de Santa Teresinha de Lisieux, que elimina o acidental para melhor consagrar todas as forças da alma ao essencial, e que insiste tão seriamente na primazia do amor em nossas relações com Deus, opera o mesmo soerguimento salutar em nossas relações com o próximo, acentuando a importância máxima do preceito da caridade fraterna. (PHILIPON, 1974, p. 122)

As principais referências bíblicas nos versos são dos Evangelhos de João, Marcos e Lucas, especialmente a passagem na qual Maria lava os pés de Jesus: “Viver de Amor é imitar Maria/ Banhando com lágrimas e perfumes preciosos/ Os teus divinos pés, que beija embevecida, enxugando-os com seus longos cabelos.” Esses versos configuram o ideal de pequenez e humildade que Teresinha diligencia:

³ Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. (MATEUS; 6, 1-2)

Também em Santa Teresinha de Lisieux se encontra essa grande concepção clássica da humildade cristã. Nela, não há gestos forçados, não há palavras exageradas na confissão de suas misérias, mas a atitude verdadeira e libertadora que faz remontar a Deus todo o bom que em nós colocou. Sob as imagens familiares [como em Maria de Betânia] à sua espiritualidade, Teresinha nos ensina o segredo de tornar-se humilde diante de Deus: “Ficar criancinha: é reconhecer o próprio nada, e tudo esperar do Bom Deus como a criancinha tudo espera de seu Pai”. (PHILIPON, 1974, p. 57)

Na passagem bíblica, Maria se ajoelha diante do mestre e enxuga os pés dEle com seus próprios cabelos, os quais, simbolicamente, representam força e juventude. Desse modo, Maria se esvazia de seu próprio eu - há aí a imagem perfeita da pequenez e do abandono. Como dito no início do ensaio analítico, o trabalho literário dos santos é permeado de metáforas e metonímias, assim, nesse poema, o eu-lírico compara os Céus à praia: “Aguardo em paz a praia dos Céus... [...] A Caridade infla e empurra minha vela.” As realidades divinas são comparadas às belíssimas realidades concretas da Terra e as virtudes, como a caridade citada, são motivadoras para a vida em Cristo, que se inicia na carne, mas só encontra seu cume na hora da morte, na transcendência. Assim, a praia representa a calma, as ondas são os caminhos que o próprio Cristo conduz e a vela pertence ao eu-lírico que confia e se deixa guiar no mar.

Embora o poema seja de uma riqueza linguística e semântica ímpares e cumpra com a expectativa de revelar, mesmo que sutilmente, as verdades da fé, os principais verbos que o encerra são “viver” e “morrer”, pois são antônimos apenas nos significados - para o eu-lírico ambos se confluem- tanto a vida quanto a morte estão ligadas às vontades do Amado. Viver a vida terrena é consumir-se pelo Amor e morrer é ser consumida por Ele sem reservas. Nas duas dimensões, o eu-lírico é feliz, pois apenas de estar só com Aquele que ama lhe completa verdadeiramente, por partilhar da intimidade de estar em “um coração a coração”: “Por ti, oh, Jesus, eu quero me esconder!/ Para os amantes, é necessária a solidão. Um coração a coração que dure noite e dia.” E, para encerrar, ainda continua: “Morrer de Amor: eis aí minha esperança.”

Se em “Viver de Amor”, Teresinha fala da beleza de ser dependente do Amado e do Amor que a consome, por outro lado, em uma composição escrita nos anos seguintes, mais especificamente, meses antes de sua morte, intitulada “Minha alegria”, a escritora evoca elementos da natureza para falar desse amor divino e transcendente. Nesse poema, o eu-lírico traz a imagem das flores para fazer as comparações com as

almas, além disso, as cores e a luz clarificante desdobram-se em todos os versos. Teresinha estava já acometida pela tuberculose, e o que mais nos chama a atenção é que as palavras não carregam nenhuma significação mórbida, mas antes, são regadas de esperança: “A minha alegria está no meu coração.”

“Minha alegria” é um poema composto por 7 versos, também não há rimas, como vimos em “Viver de Amor”, no entanto, é possível observar um paralelismo entre a crença e a descrença que se embatem no interior do eu-lírico, a conformidade com o dia e com a noite, os quais representam, respectivamente, as felicidades e os sofrimentos da vida terrena. Nos primeiros versos, há a presença de elementos da natureza: as rosas, os espinhos, o céu azul, a sombra. Esses substantivos colaboram para a criação da atmosfera pura e de intensa entrega a Jesus, algo que ocorre não apenas nos poemas de Teresinha, mas também em suas narrativas.

A metáfora das rosas e da contemplação da criação é basilar em se tratando da literatura teresiana, pois as flores, se bem observadas, têm uma fragilidade que lhes é própria, são singelas e, ao mesmo tempo, não passam despercebidas, pois exalam o seu perfume; a delicadeza que nelas existe, não lhes retira os espinhos - ou seja, há uma ambivalência entre a beleza e a aridez, assim como ocorre na alma humana que busca a santidade. A alegria da qual o eu-lírico fala está além-terra: “Esta alegria não é efêmera; eu a tenho para sempre. Como uma rosa primaveril, ela me sorri todos os dias.” E continua no verso seguinte, explicando de qual gozo partilha: “Minha alegria é amar o sofrimento. Sorrio derramando lágrimas; aceito com gratidão os espinhos unidos às flores.” Vemos que o combate que enfrenta, na consumação de seu corpo e de sua dor, lhe é alegre, já que tal sofrimento parece ser a agonia da morte, a qual, mais uma vez, representa a entrada na vida verdadeira em Cristo.

Os paralelismos antitéticos, que são próprios dos textos bíblicos, como os *Salmos* e o *livro de Jó*, por exemplo, são muito presentes nesse poema, na terceira estrofe e nos primeiros versos: “Quando o céu se torna sombrio/ E quando parece me abandonar, minha alegria é permanecer na sombra, esconder-me e me abaixar.” Há dois sentimentos coabitando a alma do eu-lírico: o abandono e a aceitação, pois, no mesmo momento em que se sente frágil diante da falta de luz, se resigna e se permite esconder-se como uma criança, que deseja a proteção do Pai. No Evangelho, observamos esses mesmos sentimentos no Cristo, quando percebe que o calvário está próximo: “E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora. E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de

mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.”(Marcos; 14, 35-36)

Em Jesus, no Evangelho de Marcos, assim como no eu-lírico do poema, há a sensação de abandono diante do sacrifício e da dor, mas, logo em seguida, há o acolhimento resignado à vontade do Pai: “[...] não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.”

À medida que o gênio atinge o apogeu, tende para a unidade. Assim, em Santa Teresinha do Menino Jesus, veem-se os atos múltiplos de sua vida cotidiana reduzirem-se cada vez mais à unidade, pelo amor. Por essa forma, Deus a encaminha para o ato supremo, verdadeiro termo de convergência de toda a evolução de sua espiritualidade: sua consagração ao Amor. (PHILIPON, 1958, p. 47)

Nos versos seguintes, o eu-lírico continua descrevendo no que consiste sua alegria, que é permanecer pequena, esconder o sofrimento e lutar pelo bem dos irmãos: “Minha alegria é lutar sem cessar para gerar os eleitos; É, com o coração ardente de ternura, repetir muitas vezes a Jesus: Por ti, meu divino Irmãozinho, sinto-me feliz em sofrer.” Assim, consegue exprimir a vida no claustro, como descreve Padre Philipon (1958): “Uma carmelita é um ser de silêncio, de oração e de sacrifício, que se consome dia e noite pela salvação do mundo, perante a Face de Deus, ‘no louvor de Sua glória’.” (PHILIPON, 1958, p.41). Nos versos finais do poema “Minha alegria”, o eu-lírico repete o mesmo desejo que exprime em “Viver de Amor”. Enquanto no segundo, a morte é sua esperança, pois configura-se em plena aproximação com Deus, no primeiro, a morte é alegria: “Que me importa a morte ou a vida? Jesus, minha alegria é te amar”.

Considerações finais:

A literatura exerceu um importante papel na vida dos santos e doutores da Igreja Católica, como em São João da Cruz e Santo Agostinho, por exemplo, pois, por meio da arte — expressão da fé nesse contexto, podemos conhecer a essência das suas almas, dos seus desejos e anseios, mesmo quando encarcerados por Amor, como no caso de Santa Teresinha do Menino Jesus. Ao longo de nossas análises, a literatura teresiana parece-nos simples, com suas metáforas e versos brancos e limpos, assemelhando-se à sua própria alma. Embora, tudo pareça singelo em Teresinha, é incontestável que a escritora acidental captou com exímia perfeição os mistérios sagrados e, para alcançá-la teológica e espiritualmente, nos é exigido um esforço sobremaneira de sermos simples.

Segundo Philipon, na vida exterior de Irmã Teresinha há muita simplicidade, pois realiza-se nos pequenos deveres da vida cotidiana, no recolhimento e no silêncio, próprios da vida no Carmelo. Teresinha desejava viver sozinha com o Cristo, desertada do mundo, tal qual um eremita, desapegada de todo o criado. Portanto, por meio do olhar sensível de Teresinha para as realidades terrenas, da impressão sublime que desvela no seu cotidiano, principalmente com relação às rosas — símbolo primordial em seus poemas e na imagem propagada pela Igreja, a santa cumpre mais do que fazer poesia, mas antes, ela ora copiosamente e faz o seu leitor também rezar.

Referências

- DO MENINO JESUS, T. *Obras completas*. São Paulo, Paulus, 2020
- EUGÊNIO, M. *Teu amor cresceu comigo*. São Paulo: Paulus, 1995
- FRYE, N. *O grande código: a bíblia e a literatura*. São Paulo: Sétimo selo, 2020.
- JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edição Típica Vaticana. Loyola, 2000
- PHILIPON, M.M. *Doutrina espiritual de Santa Teresinha*. Anápolis: Magnificat, 2020
- PHILIPON, M.M. *Santa Teresinha de Lisieux: um caminho todo novo*. Rio de Janeiro: Olímpica Editora, 1958.
- TOMAZ, V. *Teresinha: a santa revolucionária*. Aquiraz: Shalom, 2020.

Recebido em: 09/01/2024

Aceito em: 28/03/2024

Anexo 1 - poemas analisados

Viver de Amor

1. Na tarde do Amor, falando sem parábolas, Jesus dizia: “Se alguém quiser me amar. Por toda a sua vida, guarde a minha Palavra. Meu pai e eu iremos visitá-lo

E no seu coração faremos nossa morada. A ele vindo, sempre o amaremos!... Cheio de paz, queremos que ele permaneça No nosso Amor!...

Viver de Amor é te custodiar,
Verbo Incriado, Palavra de meu Deus. Ah! Tu sabes, divino Jesus, que eu te amo; O Espírito de Amor me abrasa no seu fogo. E, amando-te, eu atraio o Pai,
Meu pobre coração o guarda para sempre. Oh, Trindade! Vós sois Prisioneira Do meu Amor!...

Rei glorioso, deleite dos eleitos;
Por mim, tu vives escondido numa hóstia; Por ti, oh, Jesus, eu quero me esconder! Para os amantes é necessária a solidão Um coração a coração que dure noite e dia. Um único olhar teu faz minha beatitude... Vivo de Amor!...

Viver de Amor não é sobre esta terra Fixar sua tenda no

alto do Tabor
É, com Jesus, subir o Calvário!
É olhar a cruz como um
tesouro!... Viver de Amor é
viver de tua vida, No Céu,
devo viver de gozo;
Então, a provação terá fugido para
sempre. Mas, exilada, eu quero no
sofrimento, Viver de Amor.

Viver de Amor é dar-se sem
medidas, Sem reclamar salário
sobre esta terra. Ah! Sem contar,
eu dou bem convencida Que
quando se ama, não se calcula!
Ao Coração divino, transbordante de
ternura Eu tudo dei... Corro ligeira,
Nada mais tenho que essa única
riqueza; Viver de Amor.

Viver de Amor é banir todo o temor,
Qualquer lembrança das faltas do
passado. Dos meus pecados não vejo
nenhum vestígio; Num instante, o
Amor tudo queimou... Chama divina,
oh, dulcíssima Fornalha! Em teu ardor
fixo minha morada.
É no teu fogo que eu canto
alegremente “Vivo de Amor!”

Viver de Amor é guardar dentro de si
Um grande tesouro num vaso
mortal. Meu Amado, é extrema a
minha fraqueza. Ah! Estou longe
de ser um Anjo do Céu! Mas, se eu
caio a cada hora que passa,
Levantando-me, tu vens em meu
socorro. A cada instante me dás a
tua graça.
Vivo de Amor.

Viver de Amor é navegar sem cessar,
Semeando a paz e a alegria em todos os

corações. Amado Timoneiro, a Caridade
me impele,
Pois te vejo nas almas, minhas irmãs.

A Caridade: eis minha única estrela;
À sua luz, navego sem me desviar.

Tenho minha divisa escrita sobre minha
vela: “Viver de Amor!”

Viver de Amor, quando Jesus
dormita, É o repouso em meio
ao escarcéu,
Oh! Não temas, Senhor, que eu te
desperte! Aguardo em paz a praia
dos Céus...

Logo, a Fé rasgará seu véu;

Minha Esperança é ver-te um dia

A Caridade infla e empurra
minha vela. Vivo de Amor!

Viver de Amor, oh, meu divino
Mestre, É suplicar-te que
derrames o teu fogo
Na alma santa e sagrada do Sacerdote. Que
ele seja mais puro que um Serafim dos
Céus!

Ah! Glorifica a tua igreja imortal.

Aos meus suspiros, Jesus, não fiques
surdo. Eu, sua filha, me imolo por
ela;

Vivo de Amor.

Viver de Amor é enxugar-te a Face;

Aos pecadores, obter perdão.

Oh, Deus de Amor! Que eles voltem à
tua graça E que para sempre bendiguem
teu Nome... No meu peito, ressoa a
blasfêmia;

Para apagá-la quero sempre cantar:

“Teu santo Nome, eu adoro e amo;

Vivo de Amor!...”

Viver de Amor é imitar Maria,

Banhando com lágrimas e perfumes
preciosos Os teus divinos pés, que beija
embevecida, Enxugando-os com seus
longos cabelos.

Depois, levantando-se, quebra o vaso

E embalsama tua doce Face, por sua vez.
Quanto a mim, o perfume que derramo sobre
tua Face É o meu Amor!

“Viver de Amor, que estranha
loucura!” - Me diz o mundo - “Ah!
Deixa de cantar! Não percas teu
perfume, tua vida;
Aprende a usá-la utilmente!”

Te amar Jesus...Que perda fecunda!

Todos os meus perfumes são teus para
sempre. Quero cantar, saindo deste
mundo,

“Morro de Amor!”

Morrer de Amor é um doce martírio,

E é este que eu gostaria de sofrer.

Oh, Querubins! Aprontai vossas liras,

Porque eu sinto terminar meu exílio!...

Chama de Amor, consome-me sem
tréguas; Vida de um instante, teu fardo me
é bem pesado! Divino Jesus, realiza meu
sonho:

Morrer de Amor!...

Morrer de Amor, eis aí minha
esperança. Quando vir
quebrarem-se meus laços,
Meu Deus será minha grande
recompensa. Outros bens não quero
possuir,

Quero ser abrasada em seu Amor,

Quero vê-lo e a ele me unir para
sempre. Eis aí o meu Céu, eis aí o

meu destino:
Viver de Amor!!!...

Minha alegria

Existem almas nesta terra
Que em vão buscam a
felicidade, Mas para mim,
é bem o contrário: A
alegria está no meu
coração. Esta alegria não é
efêmera;
Eu a tenho para sempre.
Como uma rosa primaveril.
Ela me sorri todos os dias.

Sou na verdade muito feliz,
Faço sempre a minha
vontade... Poderia não
estar contente
E não mostrar a minha
alegria? Minha alegria é
amar o sofrimento. Sorrio,
derramando lágrimas,
Aceito com gratidão
Os espinhos unidos às flores.

Quando o Céu azul se torna
sombrio E quando parece me
abandonar, Minha alegria é
permanecer na sombra,
Esconder-me e me abaixar.
Minha alegria é a
vontade santa De Jesus,
meu único Amor.
Assim, vivo sem nenhum
temor; Amo tanto a noite
como o dia.

Minha alegria é permanecer
pequena. Assim, quando caio
no caminho, Posso
reerguer-me bem depressa, E
Jesus me toma pela mão

Então, cobrindo-o de carícias,
Digo-lhe que é tudo para mim.
E, quando ele se esconde à
minha fé, Redobro-lhe minhas
ternuras.

Se, às vezes, derramo
lágrimas, Minha alegria é
escondê-las bem. Oh! O
sofrer tem seus encantos,
Quando de flores o sabemos
velar! Quero sofrer sem o
dizer,
Para que Jesus seja
consolado. Minha alegria é
vê-lo sorrir, Quando meu
coração está exilado... [...]